

“Todos os sofrimentos podem ser suportados se os convertemos numa história ou se contarmos uma história sobre eles.” Isak Dinensen (1885-1962)

O Trauma e os contos

Donald Kalshed nos diz que quando uma criança sofre um trauma, a própria psique funciona como uma espécie de salva-vidas para ela. A reação normal à dor é afastar-se daquilo que causa a dor. No entanto, quando os causadores da dor são pessoas próximas, como os seus cuidadores, a criança não consegue se afastar fisicamente; então, ocorre uma retirada a nível psíquico. Assim, os potenciais criativos e relacionais vão para um canto escondido do inconsciente, enquanto outra parte da psique emerge como sua proteção. Consequentemente, sempre que esse sistema protetor detectar algum risco de novo trauma, ele toma a frente e impede a pessoa de viver aquela situação. Acontece que esse “protetor” enxerga riscos em quase tudo, não permitindo que a pessoa viva situações que poderiam ajudá-la na superação e quiçá na cura do trauma inicial. Nesse sentido, o “protetor” passa a ser um opressor, sabotando oportunidades de ressignificação de todo o processo traumático.

A divisão inicial da psique é um milagre porque evita a destruição psicológica, protege a essência encapsulando-a. No entanto, também é desastrosa, pois conduz a uma dissociação do que há de mais vital e criativo no indivíduo, assim como também das experiências que compõem o seu dia a dia (KALSCHED, 2019, p. 39).

Kalsched observou que as pessoas que sofreram traumas precoces, na infância, frequentemente apresentam experiências místicas, de resgate da essência numinosa, que ficou enclausurada em recantos profundos da psique. A dimensão espiritual se apresenta como forma de defesa e sustentação do sistema psíquico, podendo ser uma das formas de ressignificação do trauma. Para ele “A psicoterapia com vítimas do trauma precoce não é fácil nem para o paciente nem para o terapeuta. A resistência produzida pelo sistema de autocuidado no tratamento das vítimas de trauma é lendária” (KALSCHED, 2013, p. 18).

A aproximação ao mundo interior daquele que sofreu trauma se faz basicamente através da linguagem simbólica. A magia dos contos de encantamento se dá exatamente pela possibilidade de aproximação das fronteiras entre o mundo possível e o impossível,

entre o real e o imaginário. “O símbolo em si é uma ponte ou vínculo entre nós e o mistério da existência” (KALSCHED, 2013, p. 253).

Nessa aventura simbólica, encontramos vários personagens que nos parecem muito familiares. E assim, os contos que parecem irreais se tornam uma realidade psíquica capaz de nos levar a identificar soluções para os nossos conflitos que parecem insolúveis. Escutar e prestar atenção a uma estória se constitui num processo que, ao mesmo tempo, entretém e conduz a pessoa ao seu mundo interior, onde pode se perceber em diversas situações.

Os contos propiciam a identificação de sentimentos como solidão, abandono, perdas. São muitos os exemplos: Branca de Neve e Cinderela perdem os pais; Penny, uma pobre menina órfã, é adotada por uma mulher má, na estória das aventuras de Bernardo e Bianca; Rapunzel fica presa numa torre por uma feiticeira, sem nunca ter conhecido seus verdadeiros pais e sem ter qualquer contato com o mundo fora da torre. João e Maria são abandonados na floresta, encontram a casa de doces, e logo descobrem ser de uma bruxa que os mantém sob suas ordens. Poderíamos mesmo dizer que a bruxa de João e Maria e a feiticeira de Rapunzel funcionam como os protetores/opressores.

Toda a trama da estória, com seus percalços, repercute na psique de quem as ouve atentamente, oferecendo dicas e possibilidades de insights para suas próprias vivências. Podemos mesmo dizer que os contos de fadas apresentam possíveis soluções para os conflitos humanos através de duas funções: a compensatória e a criativa. Na função compensatória, o conto oferece para o indivíduo a possibilidade de melhor compreensão de si mesmo e de percepção de forças internas que podem lhe auxiliar na superação do conflito e na ressignificação de sua história pessoal. Por outro lado, liberando energias que estavam presas nos conflitos, o conto pode propiciar maior criatividade para vivências do dia a dia.

Desde as mais remotas épocas, os contos ajudaram os homens e mulheres nos tempos de dificuldades. Nas diversas culturas, encontramos os contos ensinando formas de sobrevivência, de resiliência e mesmo de resistência à opressão. A sabedoria dos ancestrais, nas culturas mais antigas, eram passadas de geração a geração, através da linguagem oral. Além dos contos, os ditos ou ditados populares estavam sempre presentes para orientar e alertar o indivíduo para as questões da vida. Costumamos dizer alguns desses ditos até hoje: “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, “casa de ferreiro, espeto de pau”, “para bom entendedor, meia palavra basta”, e tantos outros.

Para Hillman, é necessário restaurar a conexão dos padrões do pensamento mítico e metafórico para o cultivo da alma.

As histórias são profiláticas porquanto se apresentam sempre como realidades de ‘faz-de-conta’, ‘era uma vez’, ‘como se’. É a única forma de contar ou narrar que não se pretende real, verdadeira, fatural, revelada; isto é, literal (HILLMANN, 1978, p. 16).

O que os contos propõem é um mundo imaginário, onde o faz de conta faz acontecer o símbolo que pode unir as duas instâncias - a princípio dissociadas pelo trauma -, o ego e o self. Nos contos, temas como perdas, separações e outros desafios conectam a criança com o imaginário, com a metáfora, ao mesmo tempo que a distanciam da literalidade do mundo real.

O conto e a cura

“A cura para qualquer dano ou para resgatar algum impulso psíquico perdido está nas histórias.” (ESTÉS, 1994)

Na medicina hindu, o conto de fada é usado para pessoas mentalmente desorientadas. Oferece-se um conto que tem a ver com a problemática da pessoa e solicita-se que ela medite sobre ele. Podemos afirmar que o conto de fada é terapêutico, na medida em que ele propicia ao ouvinte, através da contemplação da estória, encontrar as soluções e caminhos para seus próprios conflitos.

Quando pensamos no poder de cura das histórias, logo nos lembramos de *Mil e Uma noites* e de Scheherazade. A coletânea *As Mil e uma noites* começa com o sultão sendo traído por sua esposa. Sua dor e ira foram tão fortes que ele manda matá-la. A partir daí, sua desconfiança com mulheres se revela numa vingança que se estende para todas as mulheres, de tal forma que ele, após consumir o matrimônio, mandava matar a esposa. Assim se sucede por dias e meses. O reino vai ficando sem mulheres, ficando estéril. Scheherazade, filha do grão-vizir, que ainda não havia sido convocada para as núpcias de morte, resolve pedir ao pai que a ofereça em casamento ao sultão. Esse, horrorizado, não quer ceder a seu pedido. No entanto, Scheherazade, que é uma grande contadora de estórias, convence o pai com um de seus contos. O que se segue é que, casada com o sultão, Scheherazade, pela manhã, antes que o sol surja no horizonte e que o sultão faça suas orações voltado para a Meca, pede para contar uma estória para sua irmã Dinarzade, que está perto dos aposentos reais. O sultão permite e também ouve a estória. No entanto, assim que o primeiro de raio de sol surge, ela interrompe para que o sultão possa fazer suas orações. A estória fica em suspenso e continua na madrugada seguinte.... E, dessa

maneira, passaram mil e uma noites! Depois desse tempo, o sultão estando completamente apaixonado por ela e transformado interiormente pela beleza de suas estórias; sente-se curado, redimido de sua ira contra as mulheres. Assim o feminino pode ser resgatado na coletividade. Os contos haviam servido ao sultão como verdadeira terapia!

Já existe um número significativo de artigos relatando a importância dos contos para a melhora de pacientes hospitalares e clínicos. Muitos contadores de estórias combinam contos e histórias pessoais. Sem dúvida, a combinação de contos e relatos pessoais amplia a reflexão e a possibilidade de insights para a melhor resolução de conflitos. No livro *Stories to Reach, Teach and Heal – A guide for Diabetes Health Educators*, Cathy Feste, apresenta um relato usando a metáfora da Caixa de Pandora com pacientes diabéticos.

A caixa de Pandora é uma boa estória que auxilia os pacientes focarem naquelas questões que têm dificuldade sobre o fato de viverem com diabete, além de ajudá-los a identificar os recursos necessários para superá-la. As reuniões do grupo são sempre abertas pelo conto, a partir do qual a discussão se desenvolve. Em cada reunião se discute um trecho do mito de Pandora (FESTE, 2009).

No mito, Pandora recebe de Zeus uma caixa com a recomendação de que a mesma não deveria ser aberta. Essa caixa continha todas as desgraças do mundo: a guerra, a discórdia, o ódio, a inveja, as doenças do corpo e da alma, como também um único dom: a esperança. Pandora não consegue resistir à curiosidade e, abrindo a caixa, libera todos os males que se espalharam pelo mundo. Arrependida, torna a fechá-la, mantendo no fundo da caixa a esperança. No trabalho desenvolvido por Cathy Feste, o resgate da esperança é a meta a ser alcançada com os pacientes

Uma contadora de estórias reconhecida internacionalmente por seu trabalho, Laura Simms tem desenvolvido vários projetos com jovens e crianças com resultados positivos de cura e transformação. Uma das experiências marcantes foi no Haiti, quando Simms esteve presente, logo após o terremoto que devastou grande parte daquela ilha. Antes de partir, um grupo de mulheres veio lhe agradecer pelos momentos de contação de histórias e conversas, pois foram preciosos para lhes fortalecer naquele momento de perdas e tristezas. Como ela explica, os contos são uma oportunidade para a cura das rupturas psíquicas vividas pelas crianças, além protegê-las da realidade do nosso mundo.

Diz ela num de seus artigos:

Contar estórias é algo único no nosso mundo atual. A performance oral de uma estória é um evento recíproco que acontece em tempo real entre ouvintes e um contador. O que faz a contação de estórias algo tão potente é o modo com que

cada ouvinte responde à estória que está sendo contada. Cada pessoa imagina a estória de uma maneira singular e vívida. Cada ouvinte se torna literalmente a estória que está ouvindo, fazendo uma jornada interna que o prepara para as jornadas externas que temos que seguir em nossas vidas (SIMMS, 2015).

Dieckmann conta em seu livro *Contos de Fada vividos* que, durante seu trabalho de analista, por mais de quinze anos seus pacientes lhe contaram seus contos de fadas preferidos. Ele cita exemplos que mostram paralelos entre a estória do conto e a história física e psíquica do paciente.

Como instrumento para tratamento de meus pacientes mentalmente doentes, ela (a linguagem dos contos de fadas e mitos) tem sido um poderoso subsídio e, muitas vezes, um conto de fada e os conhecimentos que tiramos de seu significado profundo chegaram a ser o núcleo do tratamento (DIECKMANN, 1986, p. 13).

Carla Ramos Bettarello relata sua experiência de contadora para os enfermos na Santa Casa de Piracicaba com sua compreensão sobre o ato de ouvir, como temos a seguir:

Ouvir uma história com a alma e o coração já exige que se estabeleça uma relação de confiança entre contador e ouvinte, portanto, há uma “magia”, uma ligação que se estabelece entre dois canais de comunicação, pressupondo a confiança do “deixar-se levar” pela história. Assim, entramos no mundo do encantamento para sermos enfeitiçados, estabelecendo uma conversa entre inconscientes e proporcionando um momento de descontração e lazer no ambiente pouco acolhedor da enfermidade (BETARELLO, 2013).

Continua Betarello (2013), corroborando o que diz Dieckmann:

O simbólico pertence ao inconsciente coletivo, mas também ao sentimento, às vivências, àquilo que a história significa no caudaloso rio de nossas experiências e emoções particulares.

[...]sorver a história, conversar com ela, deleitar-se com o seu narrar, deixar-se transformar em uma reação química de elementos valiosos com resultado ímpar pertence ao mundo dos sentimentos: fluido, invisível, universal, atávico, mas singular e individual.

Giuliane Rocha Lins, em seu trabalho *Contos que curam: A contoterapia como potencial terapêutico* (2022), demonstra a importância dos contos no ambiente escolar e na área de saúde, através de relatos de diferentes projetos desenvolvidos em várias partes do Brasil. A contoterapia como prática de contação de histórias foi regulamentada pelo SUS (Sistema Único de Saúde) como parte do Programa Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Em seus estudos, Lins revela os resultados positivos dessa prática nos diferentes ambientes em que acontece.

Todas essas experiências comprovam e reforçam a ideia da importância de se contar os contos de encantamento não só para crianças, mas também para adultos, seja em escolas, hospitais, livrarias, proporcionando situações de aconchego e de encontro com as próprias emoções e histórias vividas.

Um caso clínico

“As bruxas e monstros são nossos próprios temores e incapacidades personificados, contra os quais temos que lutar; os animais solícitos e as fadas são nossas capacidades e possibilidades ainda desconhecidas, que nessas situações podemos obter. Desta maneira se realiza em outro plano, aquilo que no conto de fada é imagem ou fantasia.”
(DIECKMANN, 1986, p.15)

O caso que aqui apresento refere-se a um cliente que atendi há alguns anos, a quem vou chamar de Pedro. Pedro teve meningite quando criança (entre 4 e 5 anos), ficando, como sequela, com uma deficiência auditiva, o que também trouxe transtornos na linguagem. Ele conseguia ouvir, mas não tão claramente e nem tudo. Quando chegou na clínica com seus 12 anos, a mãe trouxe a queixa de ele estar se tornando antissocial – não conseguia fazer amigos na escola, estava ficando muito irritadiço e agressivo. Estava desenvolvendo uma série de comportamentos obsessivos, como esfregar a mão pelo menos 50 vezes ao lavar. Ele chegou a me dizer que esfregava as mãos com sabonete 144 vezes, cada vez que iria lavá-las.

Seu pai, como ele me trazia, sempre exigia que ele fizesse tudo certo e perfeito, era muito rígido e “bravo”, gritando sempre com ele. Sentia-se não aceito com suas imperfeições. Por sua vez, ele mesmo criticava todos os amigos da escola; não entendia que podiam ser diferentes daquilo que ele acreditava ser o certo ou a atitude correta, como a que seu pai exigia.

Devemos lembrar que o trauma emocional não acontece somente na psique, mas tem seus reflexos no corpo. Assim, o trauma também nos imprime uma forma de pensar nosso corpo. E, quando o corpo acontece como origem do trauma, a tendência é desprezá-lo ou considerá-lo, de alguma maneira, “sujo”, imperfeito e incapaz. Esse menino, me parecia, tinha essa dor relativa ao seu corpo, além da dor emocional de um pai que não o aceitava.

O trauma inicial vai sempre se expandir em todas as áreas do indivíduo: seu corpo, seu emocional, psíquico e espiritual. Um trabalho terapêutico precisa do olhar cuidadoso para o indivíduo como um todo.

No caso de Pedro, os contos foram de grande ajudar para seu lado de rigidez, com relação aos princípios, levando-o a uma aproximação com os colegas de classe, resignificando sua forma de estar com o outro. A certo ponto, começou a falar dos

colegas de classe como velhos amigos; começou a perceber que existiam aqueles que se relacionavam com ele com naturalidade, apesar das suas limitações auditivas. Sua aceitação do corpo se fez através dos esportes que começou a praticar.

Quanto aos contos de encantamento, escolhi aqueles que se referiam ao aspecto do pai, como o *Filho do Caçador*, apresentado no livro *O que conto um conto*, de Jette Bonaventure (2003), e as Fábulas do livro de Monteiro Lobato (1968), com direito à leitura dos comentários das personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo. O resultado que começou a emergir a partir daí foi, para mim, uma grande revelação. O interesse pelas sessões e pela leitura era grande e muitas histórias pessoais começaram a serem desveladas.

A criatividade voltou como novas formas de ver a vida e de enfrentar as dificuldades. Apareceu o humor, que começou a ocupar o espaço da dor e do sofrimento até então vividos por esse menino. A rigidez pôde se amansar, sem dar lugar à insegurança. Sua relação com as próprias limitações foi melhorando através da aceitação. Começou a fazer amigos na escola, e até mesmo levá-los para sua casa. Foi aceito nos jogos de futebol nos horários de recreio.

Como observo, o princípio paterno ausente ou castrador, portanto, negativo, desenvolve a rigidez, às vezes, um processo obsessivo, ou ainda, um certo “machismo” como resposta ao medo de se dissolver na Grande Mãe. A recolocação de um princípio paterno positivo, que reconhece a necessidade de disciplina, de ordem e de princípios gerais de ética e de humanismo como forma de estruturação da personalidade, é vivida, em geral, pelos clientes masculinos como um bálsamo para suas feridas de alma.

As defesas criadas a partir de seu trauma inicial quanto à doença foram sendo dissolvidas, como me pareceu, através da compreensão e aceitação de que suas limitações não o impediam de viver “como os outros”, ou seja, com novos relacionamentos, jogando futebol, indo ao cinema etc. Também aprendeu a reconhecer suas qualidades, desenvolvendo, assim, a autoestima. Ele continuou em terapia até os seus 18 anos quando iniciou a faculdade de Engenharia.

É, para mim, certo de que o trauma uma vez vivido estará lá como uma marca da alma para sempre. E toda vez que uma história parecida com a que foi vivida pessoalmente aparecer, como um gatilho ativado, a dor do trauma e suas consequências vão reaparecer.

Kalsched vai exemplificar tal questão com um conto de Grimm, *A Jovem sem mãos*. Franz (1995) analisa esse conto sob diferentes aspectos, não a partir do trauma

como o faz Kalsched. Um conto, como sabemos, pode ser visto sob diversos ângulos e essa é a riqueza dos contos.

A Jovem sem mãos é um conto muito triste: quando as coisas parecem chegar a um bom termo e você pensa que acabou, a perseguição do opressor volta. É preciso 7 mais 7 anos para que a questão se resolva. Ou seja, não basta um ciclo para que a questão seja resolvida. Creio que são necessários vários ciclos para uma verdadeira ressignificação do complexo envolvido no trauma. O conto nos diz que precisamos esperar o tempo e as oportunidades da vida, mantendo a conexão psíquica entre ego/self. E o tempo para cada um é diferente.

Transcrevo o conto a seguir. Cada um irá compreendê-lo conforme sua necessidade.

O Conto

A jovem sem mãos (Grimm)

Houve, uma vez, um moleiro que, pouco a pouco, havia caído na miséria. E nada mais lhe restou senão o velho moinho, atrás do qual havia uma grande macieira.

Certo dia, tendo ido catar lenha na floresta, aproximou-se dele um velho que nunca tinha visto antes, o qual lhe disse:

- Por que se cansa tanto a rachar lenha? Se me prometeres o que está atrás do moinho, eu te tornarei imensamente rico.

"O que mais poderá ser, senão a minha macieira?" pensou o moleiro, que respondeu:

- Está bem, prometo. - E o desconhecido fê-lo assinar um compromisso.

- Daqui a três anos, virei buscar o que me pertence, - disse o velho sorrindo, sarcasticamente, e foi embora.

Ao voltar para casa, a mulher correu-lhe ao encontro e, admirada, perguntou-lhe:

- Dize-me, marido, de onde vem essa riqueza que subitamente invadiu a casa? Todos os caixotes e caixas, de maneira inesperada e repentina, ficaram cheios de coisas. Não vi pessoa alguma entrar em casa e trazer tudo isso, e não sei explicar de onde veio.

O marido, então, explicou:

- Foi um desconhecido que encontrei na floresta. Ele prometeu-me grandes tesouros se lhe cedesse o que está atrás do moinho. Assinei um compromisso que lhe cederia; pois, bem podemos dar-lhe a nossa macieira, não achas?

- Ah, marido, - gritou, espantada, a mulher, - esse desconhecido era o diabo! E não era a macieira que pretendia, mas nossa filha, que estava nessa hora varrendo o quintal atrás do moinho!

A filha do moleiro era jovem, muito bonita e muito piedosa. Passou aqueles três anos no mais santo temor de Deus e sem cometer nenhum pecado. Decorrido o prazo estabelecido, no dia em que o diabo devia ir buscá-la, ela lavou-se bem e, com um giz, traçou um círculo ao redor. Logo cedo, o diabo apareceu, mas não lhe foi possível aproximar-se dela. Então, muito zangado, disse ao moleiro:

- Tens de tirar-lhe toda a água a fim de que não possa lavar-se, porque, senão, não terei nenhum poder sobre ela.

O moleiro, amedrontado, prontificou-se a obedecer. Na manhã seguinte, o diabo apareceu novamente, mas ela havia chorado sobre as mãos e estas estavam completamente limpas; de novo, o diabo não conseguiu aproximar-se dela. Então, furioso, disse ao pai:

- Corta-lhe as mãos, do contrário não poderei levá-la.

O pai, horrorizado, queixou-se:

- Como poderei cortar as mãos à minha própria filha?

O demônio, então, ameaçou-o, dizendo:

- Se não o fizeres, tu serás meu e eu te levarei comigo!

O moleiro, acabrunhado, prometeu obedecer-lhe. Foi ter com a filha e disse:

- Querida filha, o diabo ameaçou levar-me se eu não cortar tuas mãos; dominado pelo medo, prometi fazê-lo. Ajuda-me nesta minha angústia e perdoa-me todo o mal que te faço.

- Querido pai, - respondeu a jovem, - sou vossa filha, podeis fazer de mim o que quiserdes.

Estendeu-lhe as mãos, deixando que as cortasse. O diabo veio pela terceira vez, mas ela havia chorado tanto, durante todo o tempo, sobre os pobres cotos que estes ficaram limpíssimos. Tendo assim perdido qualquer direito sobre ela, o diabo foi obrigado a desaparecer.

- Graças a ti, - disse-lhe o pai, - ganhei essas riquezas imensas, portanto, quero tratar-te daqui por diante, até o fim de tua vida, como rainha.

A jovem, porém, respondeu-lhe:

- Não, meu pai, não posso mais ficar aqui, devo ir-me embora. Não faltarão por esse mundo criaturas piedosas que me darão o necessário para viver!

Depois mandou que lhe amarrassem os cotos atrás das costas e quando o sol raiou despediu-se e pôs-se a caminho. Andou, sem rumo certo, o dia inteiro até ao cair da noite. Chegou, assim, ao jardim do palácio real e, como estivesse o luar muito claro, pôde ver as árvores carregadas de frutos; mas não podia entrar no jardim, pois era cercado em toda a volta por um largo fosso.

Ora, tendo caminhado o dia inteiro sem comer nada, sentia-se desfalecer de fome, e pensou: "Ah, quem me dera estar lá dentro e comer algumas frutas! Senão terei que morrer aqui de fome." Então ajoelhou-se e, rezando fervorosamente, invocou o auxílio de Deus. No mesmo instante, apareceu um anjo, que abaixou uma comporta, esgotando a água do fosso e, assim, ela pôde atravessá-lo.

Entrou no jardim, sempre acompanhada pelo anjo. Viu uma árvore carregada de frutos. Eram peras bonitas e maduras, mas estavam todas contadas; a jovem aproximou-se da árvore e com a boca colheu uma pera a fim de aplacar a fome. O jardineiro viu-a mas como o anjo estava junto dela, ficou com medo, julgando que a moça fosse uma alma do outro mundo e não disse nada, nem mesmo ousou chamá-la ou interrogá-la. Tendo comido a pera, que lhe matou a fome, ela foi esconder-se num bosque que havia ali por perto.

Na manhã seguinte, o rei desceu ao jardim e foi direitinho contar as peras da pereira; notou que faltava uma e perguntou ao jardineiro que fim tinha levado, pois não a via no chão debaixo da árvore, portanto, estava mesmo faltando. O jardineiro, então, contou-lhe o ocorrido.

- Na noite passada, apareceu uma alma do outro mundo, faltavam-lhes as duas mãos, mas colheu a pera da árvore com a boca e comeu-a.

- Mas como conseguiu atravessar o fosso cheio de água? - perguntou o rei. - E para onde foi depois de comer a pera?

- Desceu alguém do Céu, trajando roupas alvas como a neve, baixou a comporta, prendendo a água para que a alma do outro mundo pudesse atravessar. Creio que devia ser um Anjo; então fiquei com medo, não fiz perguntas, nem chamei. Tendo comido a pera o espectro desapareceu por onde tinha vindo.

- Se é assim como dizes, esta noite ficarei vigiando contigo, - disse o rei.

Quando escureceu, o rei desceu ao jardim. Trazia junto um padre, que devia interpelar a alma do outro mundo. Sentaram-se os três, o rei, o padre e o jardineiro, debaixo da árvore, e ficaram aguardando. Quando deu meia-noite, a moça saiu do bosque, chegou ao pé da pereira e comeu outra pera, colhendo-a com a boca; continuava-lhe ao lado o anjo de vestes brancas como a neve. O padre levantou-se, deu alguns passos em direção dela e perguntou:

- Vieste de Deus ou do mundo? És um espectro ou um ser humano?

- Não sou nenhum espectro, - respondeu a moça; - sou uma pobre criatura abandonada por todos, menos por Deus.

O rei, ouvindo isso, aproximou-se e disse-lhe:

- Se todos te abandonaram, eu não quero te abandonar, vem!

Levou-a para o seu castelo e, notando quão bela e piedosa era, logo se apaixonou. Ordenou que se lhe fizessem duas mãos de prata e depois casou-se com ela.

Passou-se um ano muito feliz; tendo, porém, que partir para a guerra, o rei recomendou a jovem rainha à sua mãe, dizendo:

- Assim que ela der à luz a criança que está esperando, cuide bem dela e escreve-me imediatamente.

E a rainha deu à luz um lindo menino. A velha mãe apressou-se a escrever ao rei, anunciando-lhe a feliz

nova. Pelo caminho, porém, o mensageiro, muito cansado, deteve-se perto de um riacho a fim de repousar um pouco e não tardou a adormecer. Não demorou muito e apareceu o diabo, que não perdia a menor ocasião para fazer mal à moça, que agora era a rainha; pegou a carta que o mensageiro levava e trocou-a por outra, que dizia ter a rainha dado à luz um mostrenço.

Ao receber a carta, o rei espantou-se e ficou profundamente desolado, porém respondeu dizendo que tratassem bem da rainha até o seu regresso. O mensageiro, de volta com essa outra carta, deteve-se outra vez no mesmo lugar para repousar e adormeceu. Então o diabo, aparecendo, tornou a substituir também essa carta por outra, na qual era ordenado que matassem a rainha e o filho.

Ao ler a carta, a velha mãe ficou horrorizada, não podendo acreditar em tal ordem; então escreveu novamente ao filho, mas não obteve resposta, porque, todas as vezes, aparecia o diabo e substituíam as cartas. Aliás, na última, vinha a ordem expressa de conservar a língua e os olhos da rainha como prova de sua morte.

A velha mãe chorava à ideia de ter que derramar aquele sangue inocente e, não sabendo como sair-se de tão penoso encargo, durante a noite mandou que lhe trouxessem uma gazela, cortou-lhe a língua, arrancou-lhe os olhos e guardou-os. Depois foi ter com a rainha, dizendo:

- Não tenho coragem de executar as ordens do rei, que mandou matar-te; mas não podes continuar aqui, vai, pois, por esse mundo afora com o teu menino e não voltes mais.

Tendo dito o que devia, amarrou a criança nas costas da pobre mulher, que se foi toda chorosa. Chegando a uma grande floresta virgem, ajoelhou-se e pôs-se a rezar fervorosamente; o Anjo do Senhor apareceu-lhe e conduziu-a a uma casinha, na qual havia uma tabuleta com os seguintes dizeres: "Aqui todos podem alojar-se livremente". Da casinha saiu uma donzela alva como a neve, que foi ao encontro da rainha, saudando-a:

- Sê bem-vinda, minha rainha!

Convidou-a a entrar, desamarrou-lhe a criança das costas e achegou-a ao seio para que a amamentasse, deitando-a depois num lindo bercinho. A pobre mulher, então, lhe perguntou:

- Como sabes que sou a rainha?

- Sou um anjo, enviado por Deus para cuidar de ti e do teu menino, - respondeu a donzela.

A ex-rainha viveu nessa casa durante sete anos, sempre magnificamente tratada; e, graças à sua piedade, Deus permitiu que lhe crescessem novamente as mãos.

Enquanto isso, o rei, voltando da guerra, quis ver a esposa e o filho. A velha mãe, prorrupendo em pranto, recriminou-o:

- Homem perverso! Por que escreveste ordenando que matasse dois inocentes? - e mostrou-lhe as cartas falsificadas pelo demônio, acrescentando:

- Fiz quanto me ordenaste, - e apresentou-lhe as provas pedidas: a língua e os olhos.

O rei não pôde conter-se e desatou a chorar, e bem mais amargurado, pela sua querida esposa e pelo filhinho. Chorava tão desesperadamente que a velha mãe, apiedando-se dele, confessou:

- Acalma-te, não chores mais; ela ainda está viva. Mandeí matar, em segredo, uma gazela e as provas que aí tens são a língua e os olhos dela. Quanto à tua mulher, amarrei-lhe o filho às costas e disse-lhe que se fosse pelo mundo e promettesse nunca mais aparecer por aqui, pois tu estavas tão furioso que receei por ela. O rei, acalmado-se, disse:

- Irei até onde acaba o azul do céu, sem comer nem beber, à procura de minha querida esposa e de meu filhinho, se é que ainda não morreram de fome.

Pôs-se a caminho. Andou vagando durante sete anos, sondando todos os rochedos e cavernas, mas não a encontrou e, então, julgou que tivessem morrido. Durante esse tempo todo não comeu nem bebeu conforme havia prometido; Deus, porém, o manteve vivo e são. Finalmente, depois de tanto perambular, passou por uma floresta onde encontrou uma casinha com a tabuleta na qual estava escrito: "Aqui todos podem alojar-se livremente." Saiu de dentro dela a donzela alva como a neve que, pegando-lhe a mão, convidou-o a entrar.

- Sede bem-vindo, Majestade! - e perguntou-lhe de onde vinha. Ele respondeu:

- Venho de longe! São quase sete anos que ando à procura de minha esposa e de meu filho, mas não consigo encontrá-los.

O anjo ofereceu-lhe alimento e bebida, mas ele recusou, dizendo que só queria descansar um pouco. Deitou-se, cobriu o rosto com um lenço e fechou os olhos. O anjo, então, foi ao quarto onde estava a rainha com o menino, a quem pusera o nome de Doloroso, e disse-lhe:

- Vem e traz teu filho, acaba de chegar teu esposo.

A mulher foi e aproximou-se de onde ele estava dormindo; nisso caiu-lhe o lenço do rosto e ela disse ao

menino:

- Doloroso, meu filho, apanha o lenço de teu pai e cobre-lhe o rosto.

O menino recolheu o lenço e cobriu o rosto do pai; este, semiadormecido apenas, ouviu o que diziam e deixou cair outra vez o lenço. O menino, então, disse impaciente:

- Querida mamãe, como posso cobrir o rosto de meu pai? Eu não tenho pai na terra! Aprendi a oração que me ensinaste: Pai nosso, que estás no céu. Tu sempre disseste que meu pai estava no céu e que era o bom Deus.

Como posso agora reconhecer um homem tão selvagem? Este não é meu pai!

A estas palavras o rei sentou-se e perguntou à mulher quem era.

- Sou tua esposa, - respondeu a rainha - e este é teu filho Doloroso.

Vendo que as mãos dela eram verdadeiras, disse o rei:

- Minha esposa tinha mãos de prata!

- Foi o bom Deus que me fez crescer estas mãos naturais, - respondeu ela.

O anjo, então, foi ao quarto dela e trouxe as mãos de prata, mostrando-as ao rei. Isso convenceu o rei que ela era realmente sua esposa e o menino seu filho. Apertou-os em seus braços e, beijando-os com grande ternura, disse:

- Agora um grande peso foi retirado do coração.

O anjo do Senhor mais uma vez serviu-lhes comida e bebida. Depois regressaram todos ao palácio, para junto da velha mãe. Houve grande alegria por todo o reino, e o rei e a rainha celebraram outra vez suas núpcias, vivendo felizes até o fim de seus dias.

Referências

BETARELLO, I. Contar histórias nos tempos atuais. Disponível em:

<<https://blogdoamstalden.com/2013/07/23/coluna-da-carla-contar-historias-nos-tempos-atuais-historia-o-alvo-de-ilan-brenman/>>. Acesso em 03 ago. 2023.

BONAVENTURE, J. **O que conta o conto**. São Paulo: Ed. Paulus, 2003.

DIECKMANN, H. **Contos de Fada Vividos**. Trad. E.C.M. Jansen & Catia Z.O.Tinti. São Paulo: Ed. Paulinas, 1986.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.

FESTE, C. U.S. Department of Health and Human Services – Center for Disease Control and Prevention- Centers for Disease Control and Prevention. **Stories to Reach, Teach, and Heal: A Guide for Diabetes Health Educators**. Atlanta: U.S. Department of Health and Human Services; 2009.

FRANZ, M. L. von. **O Feminino nos Contos de Fadas**. Trad. Regina Grisse de Agostino. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

HILLMAN, J. **Estudos de Psicologia Arquetípica**. Trad. Pedro Ratis e Silva, Revisão Técnica de Roberto Gambini. Rio de Janeiro: Edições Achiamé Ltda., 1978.

KALSCHED, D. **O mundo interior do trauma- defesas arquetípicas do espírito pessoal**. Trad. Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Ed. Paulus, 2013.

KALSCHED, D. Descobrimos os segredos da psique traumatizada – in SIEFF, D.F., **Compreensão e cura emocional do trauma – Conversações com clínicos e pesquisadores pioneiros**. Trad. Flavia Bittencourt Guimarães. São Paulo: Ed. Paulus, 2019.

LINS, G. R. **Contos que curam: A contoterapia como potencial terapêutico**. Trabalho de Conclusão de Curso, do Bacharelado em Farmácia da Universidade de Campina Grande, PB, em 2022.

LOBATO, M. **Fábulas e Histórias Diversas**. Literatura Infantil, tomo XV. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1968.

SIMMS, L. **Courageous storytelling: inspired by The Snow Queen, The Snow Queen Courageous Storytelling Project**, 2015. Disponível em: <www.laurasimms.com>. Acesso em 03 ago. 2023.

